

Notas para um ensino transformador

Notes for transformative teaching

DIEGO VINÍCIUS BRITO DOS SANTOS¹

Introdução

O que todos os licenciandos e licenciados perguntam ou deveriam perguntar? No meu caso, quero saber: o que é ensinar? Como ensinar? Por que ou para que ensinar? Já formado em um curso de licenciatura e procurando concluir outro, ainda me pego pensando nessas e noutras questões. Não me pergunto o porquê de oferecer minha atenção a essas questões, pois suas relevâncias são elementares para quem está predisposto a praticar o ato de ensinar. Ensinar, noutros tempos, aparecia-me como uma ação desfundamentada. Era aquilo que parecia ser. Ensinar era o ato de partilhar algo com alguém. Era a ação que proporcionava o possível compartilhamento de todo um rol de conhecimentos que construímos ao longo de nossa história.

Hoje divirjo de minha aceção inicial. Ensinar não é apenas preservar esses conhecimentos. Ensinar é um ato transformador. É uma vontade comprometida. É uma dimensão do querer humano que poucos entendem, mas a vivem sem saber seu por quê. Querer obter a definição do que é ensinar a partir de um receituário é como querer extrair água das pedras. É se dispor ao ridículo. Querer saber o ser de algo requer viver e experimentar o algo desejado. Nesse sentido, não busque o ser do ensino nesta pequena redação: ele não se fez presente. A sugestão é vinculante: o ser do ensino não se fez presente em nenhum manual sobre ensino escrito em nossa história. Os gregos sabiamente entenderiam isso, pois, ao invés de escrever sobre o ensino, eles o viviam. A *Paidéia*, bem sei, não foi escrita por um grego.

Na primeira licenciatura que cursei, desde o primeiro período do curso fui levado a ler e aprender as mais diversas teorias educacionais. Porém, até chegar ao Estágio, todas essas teorias eram conhecimentos mortos para mim, pois faltava a vivacidade que só a prática e a experiência lhes poderiam proporcionar. O estágio foi, por assim dizer, o ponto de viragem em minha formação. Nele, pude aplicar a teoria à prática, e mais: pude obter minha própria percepção do que é ensinar. Para usar de uma necessária honestidade intelectual, vos digo que minha percepção é uma entre muitas, entre as daqueles que procuraram descobrir, em suas experiências com o ensino, suas próprias concepções sobre o ensino. Isto poderia ser a primeira aprendizagem, que mais à frente tornara-se uma obviedade, desta redação: o ser do

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e atualmente cursando Pós-Graduação em Filosofia (PPGFI) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHILA), além de uma segunda graduação em Ciências Sociais pela UFRN. E-mail: diego_svt@hotmail.com.br

ensino não pode ser revelado àquele que não o experimenta. Diante desta obviedade, procurarei vos mostrar o que significa estágio docente, pois acredito ser ele um momento de frutíferas oportunidades de nos depararmos com o ser do ensino. Todavia, não procuro fincar raízes somente ao estágio e à experiência, pois escrevo este escrito para colocar para fora o que penso do ensino. Note bem que não irei descrever o ser do ensino, já que este deve ser buscado individualmente e a partir da experiência, portanto, não vos aconselho a jamais fazer essa busca em manuais que afirmem poderem pintar este ser de forma visível em uma teia de palavras vazias.

Estágio Docência, que é isso?

Vós sabia que o termo “Estágio” nos foi dado a partir da linguística francesa? Vem de *STAGE*, que é melhor trazido por “etapa”. À luz de sua tradução mais adequada, o que seria uma *etapa docente*? E qual é a sua necessidade? No passado, fui levado a pensar que os cursos de LICENCIATURA eram insuficientes à formação integral de futuros professores, devido à seguinte dedução: o repertório teórico tratado e ministrado nas salas de aula de nossas Universidades Brasileiras é insuficiente, já que são teorias que não são reinventadas diante das transformações históricas da sociedade, das demandas sociais e políticas ou, melhor dizendo, as teorias não são atualizadas no ritmo necessário pelo/ao sistema. Não desmereço as visíveis tentativas em curso de renovação teórica, mas temo que esse esforço de renovação ou transformação dessas teorias ocorra tão somente após a formação de toda uma geração de licenciados. À luz disso, devemos constatar o obvio: os graduandos de hoje absorverão a teoria de *como fazer* a partir da tradição acadêmica já consolidada, mas este *como fazer* poderá ser insuficiente em um amanhã já muito próximo. O próprio graduado, saído de sua licenciatura com uma cabeça *bem-cheia* de teorias tradicionais, terá que reinventar a si e seus métodos de *como ensinar* no ato de seu ofício como docente; caberá exclusivamente a ele o papel de (re)criar suas e novas tendências de *como educar* diante de seu próprio contexto e das demandas que lhe serão exigidas. Neste *cenário* (que também traduz *stage*), a criação de novas formas de como educar e ensinar podem ser apoiadas em novas teorias ou tendências que estejam surgindo – desde que o professor seja também um pesquisador e se mantenha atualizado em bibliografias e estudos recentes sobre as atuais formas de *como ensinar*. Um claro exemplo dessa necessidade pode ser percebido hoje: *como ensinar em tempos de pandemia*? Até então, não haviam teorias sobre isso. O ato de ensinar foi transferido ao *ciberespaço*, já que a tecnologia substituiu nossas salas, nossas carteiras, o lápis de louça, os livros, o recreio, em suma, o espaço escolar. Nenhuma teoria tradicional, redigida até então, nos ensinava como educar e ensinar sem a presença do espaço educacional. Na licenciatura, aprendemos com nossos mestres a desenvolver competências e habilidades, mas nem sequer cogitamos que teríamos a factual necessidade de aprender a manusear equipamentos tecnológicos.

Nesta redação, que constata óbvios (sim, no plural: *são muitos*), queremos mostrar que o *ser-professor* de outrora ou o tradicional já não é mais suficiente hoje, mas vemos uma solução para isso na acepção de *stage*, tal qual a que procuraremos evidenciar. Parafraseando uma metáfora do filósofo prussiano Nietzsche, escrita no aforismo 573 de *Aurora*, entendemos que o professor, ao não buscar se transformar e se reinventar diante das adversidades do social, torna-se obsoleto. Não existe um *ser-professor* ideal – outra inequívoca obviedade – por isso nos parece ser tão caro que o professor, embora não possa atingir o patamar da idealização, *queira* (disposição subjetiva) superar-se – para usar de termos nietzschianos – a fim de poder tornar-se um professor capaz e qualificado ao ato de ensinar. Esse *superar-se* tange os seguintes requisitos: prática (ou a própria experiência individual do sujeito-professor), pesquisa (inter-relacionada com uma disposição de espírito à pesquisa: um querer-pesquisar) e teorias (tanto as tradicionais quanto novas e revisadas). Uma formação docente que não contemple a inter-relação desses requisitos estará fadada (*fatum*) ao fracasso e a uma formação defasada. *Se* (entrando no campo da especulação) a formação do *ser-professor* for amparada e fundamentada unicamente em uma perspectiva teórica, teríamos que afirmar, mesmo que a contragosto, que há uma tipologia ideal de professor, o qual seria formado mediante uma teoria tradicional e bem sólida. Na culinária, quando se quer produzir um bolo perfeito, basta seguir a *receita*. A receita, se bem seguida e aplicada, produzirá o bolo *esperado*. Pergunto: tudo aquilo que é esperado não é tudo aquilo que é ideal? A família que espero constituir, o carro que espero comprar, aquilo que espero me tornar no futuro e entre outras esperas são todas elas ideais. Para formar um professor há as mais diversas receitas. Se pudéssemos analisar todas as grades curriculares de todos os cursos de licenciaturas de nossas Universidades, poderíamos descobrir qual o tipo ideal (ou esperado) de professor que tais grades curriculares esperam formar ao final de seus processos.

Não é incorreto termos à disposição tais receitas. Já imaginou tentar preparar um alimento que não possua receita definida? Seria o caos. Todavia, receitas de qualquer espécie podem e devem ser melhoradas. Para melhorar uma receita basta um requisito: experimentar. Na culinária, se *ousarmos* experimentar, acabaremos por descobrir que aquela receita pode ser de fato melhorada ao se acrescentar ou retirar um ou alguns dos ingredientes; usar outras medidas e quantidades de ingredientes; usar o banho-Maria ao invés do forno; etc. em suma, podemos, de várias formas, melhorar uma receita, e todas elas passam por um querer-experimentar. A experiência, como a entendemos, é viver algo novo (*lebe etwas Neues*). Como bem nos diz Jorge Larrosa (2002, p. 21) “a experiência é, em espanhol, ‘o que nos passa’. Em português se diria que a experiência é ‘o que nos acontece’; em francês a experiência seria ‘ce que nous arrive’; em italiano, ‘quello che nos succede’ ou ‘quello che nos accade’; em inglês, ‘that what is happening to us’; em alemão, ‘was mir passiert’. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. À luz dessas conceituações, vemos na experiência o ingrediente elementar a ser introduzido nos

atuais currículos de formação docente. Porventura, já temos a prática do estágio presente em inúmeras grades curriculares (não só as das licenciaturas). Um avanço significativo. Podemos definir o estágio como sendo um campo do conhecimento que proporciona a inter-relação teoria-prática, pois ele articula teorias desenvolvidas nos saberes disciplinares com as experiências vivenciadas por licenciandos e os mais diversos tipos de estagiários, dado que o estágio é estrutural a diversas formações.

O estágio, em licenciaturas especificamente, é um dos momentos da formação do futuro docente que possibilita uma maior aproximação do licenciando com os elementos do dia-a-dia escolar no próprio campo de atuação da docência, tornando possível ao estagiário tomar ciência da experiência escolar, da gestão escolar, bem como da estrutura da escola e de suas instâncias, desde da sua organização física e burocrática até as inter-relações sociais encontradas neste espaço educacional. É um momento importante, penso eu, à formação do futuro professor, já que nessa *etapa* será proporcionado ao licenciando inúmeras e significativas experiências com as quais o mesmo pode edificar sua concepção pessoal sobre o ato da docência, do estar inserido na área educacional e em um espaço escolar e sobre as aventuras e desventuras que o esperam. “O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer ‘algo’ ou ‘ação’. A profissão de professor também é prática” (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p. 7) e, assim como nos afirma Aristóteles: é na prática que se aprende, por exemplo, “homens se tornam construtores construindo casas e se tornam tocadores de lira tocando lira” (ARISTÓTELES, 2007, p. 68). Desta forma, analogamente nos tornamos professores praticando o ato da docência e digo mais: só saberemos de fato o que ser professor quando experimentarmos ser um. É mediante a prática e a experiência, vos afirmo eu, que o ser homem aprende a exercer qualquer ofício por mais teórico e abstrato que este seja, à exemplo da atividade do filosofar que, não vos enganéis, é um ato prático, orgânico, mental e vivo.

No entanto, não é só a prática em si que possibilita a formação do docente. É preciso que exista e que se possibilitem os conhecimentos e métodos para o processo de formação. “O que pode ser conseguido se o estágio for uma preocupação, um eixo de todas as disciplinas do curso, e não apenas daquela erroneamente denominada “práticas”? Todas as disciplinas, conforme nosso entendimento, são ao mesmo tempo ‘teóricas’ e ‘práticas’. Num curso de formação de professores, todas as disciplinas, as de fundamentos e as didáticas devem contribuir para a sua finalidade que é a de formar professores, a partir da análise, da crítica e da proposição de novas maneiras de fazer educação. Nesse sentido, todas as disciplinas necessitam oferecer conhecimentos e métodos para esse processo” (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p. 13). Desta forma, não queremos hipervalorizar a prática, pois o estágio desvinculado de eixos teóricos não proporciona uma formação de qualidade, uma vez que os estagiários estariam submetidos à *prática da imitação*, isto é: eles apenas limitar-se-iam a repetir o que experienciassem, mas é preciso, ante de tudo, transformação, já

que, sem qualquer possibilidade de inovação nos métodos de ser dar o processo de ensino-aprendizagem, não careceríamos de cursos de formação. É preciso que a teoria seja posta e repensada em contraste com o presente e suas demandas sociais, para que o ato de ensinar seja uma prática transformadora, como veremos a seguir.

Investir na formação do discente de graduação é de suma importância, é preciso que os cursos superiores das Universidades estejam aptos a oferecer aos futuros docentes, tanto a oportunidade da prática, quanto os conhecimentos teóricos. Essa necessidade de uma formação de qualidade é uma das exigências do atual cenário brasileiro, pois a “formação do educador à luz de uma concepção de educação comprometida com o processo social exige que ele seja pensado como profissional, com tudo o que isso implica no plano científico e técnico. O que se quer: um profissional com capacidade de inovação, de participação nos processos de tomada de decisão, de produção de conhecimento, de participação ativa nos processos de reconstrução da sociedade, via implementação da cidadania. Por isso, espera-se de sua formação que lhe forneça subsídios para que constitua competência técnico-científica, sensibilidade ética e política, solidariedade social. Que seja um profissional qualificado, consciente do significado da educação, capaz de estendê-la aos educandos. Espera-se dos cursos formadores que dotem os professores de perspectivas e análise que os ajudem a compreender os contextos nos quais se dará sua atividade docente, sejam eles institucionais ou comunitários, onde venham exercer liderança pedagógica e intelectual, interna e externa às instituições, que tenham capacidade de *trabalho em equipe e interdisciplinar*” (SEVERINO, 2000, p. 189). São essas exigências os nortes que proporcionaram um ensino transformador.

171

Ensinar: o que? Como? E porquê?

O tema sobre ensinar já suscitou todas as mais variadas questões. As que colocamos aqui são algumas entre muitas, todavia, selecionamos as que constam no título para que possamos entender o porquê de o ato de ensinar ter que ser fluido, inter-relacionado com o contexto social, político e moral, e uma experiência transformadora. Em nossas perguntas, que pinçamos de um rol de perguntas, questionamos o que e o como ensinar, quer dizer: os conteúdos e a forma do ensino. Recentemente assisti ao documentário *Colégios Vocacionais: O Choque de uma Escola Libertária com a Ditadura Militar* dirigido por Toni Ventura, onde pude perceber o caráter transformista do ensino. Se lembrarmos a experiência de ensino de 1960 a 1969, perceberemos que a *forma* de ensinar mudou. *Abracadabra*. Novas formas de ensinar surgiram, pois a forma precisa atender aos interesses sócio-políticos da sociedade atual. Afirmar que a forma de ensinar mudou é uma das obviedades desta redação, mas o que nos importa é: e os conteúdos? O $1+1=2$ ensinado anteriormente é o mesmo que é ensinado hoje? É claro que sim, já que estamos nos referindo à matemática, uma ciência exata com conteúdos fechados e encerrados em si (*em tese*). Mas e o conteúdo das ciências humanas, das biológicas, linguísticas etc., eles

mudaram? Obviamente que sim, pois o conteúdo segue a tendência fluida do ensino, já que tal como ensino, os conteúdos devem ser construídos, renovados, repensados, inovadores... a causa disto não vós podeis dar, mas bem sei que somos seres curiosos e insatisfeitos com o que sabemos, queremos mais: quanto mais sabe-se ou se produz conhecimento sobre a existência, mais ela se torna habitável, explicável, menos misteriosa, menos bela. Em volver à questão, sobre forma e conteúdo já afirmamos que a mudança da forma de ensinar é uma obviedade, mas precisamos despende tempo à mudança dos conteúdos, estes que moldam o pensamento, o comportamento e o discernimento de mundo dos indivíduos em sociedade.

Os conteúdos mudam, além de nosso querer-conhecer-mais, devido a mudança do contexto histórico. Na atualidade debates totalmente outros adentram as escolas (debate de gênero, cultura afro-brasileira, política e gerência internacional, racismo e problemas estruturais, feminicídio, necropolítica, neoliberalismo, mapeamento mental, clonagem biológica, inteligência artificial, relações e interações no *ciby-mundo*, entre outros temas), pois são esses debates que refletem o interesse e a ideologia de nossa realidade social. E para encerrar, se os conteúdos são a ideologia do momento histórico presente, o professor pode ser o responsável por, ao passo que oferece os meios para que os alunos possam observar a realidade tal como ela é e se apresenta no presente, criar dois tipos indivíduos: os que observarão a realidade e se adaptarão a ela e os que a transformarão. *Porque ensinar?* Afirmo: para transformar, para pôr em movimento o que está inerte, que virou água parada, ensinar para transformar a sociedade, para recriar (não confundir com a “recreio”, embora que no ato de recriar a sociedade há muito de recreativo, de *criança*), para formar alunos ativos e criativos, que saibam direcionar a sociedade do amanhã a sua eterna melhor versão de si mesma, que possam vencer a caquética mentalidade que reina hoje.

172

Aprender a ser o que potencialmente se é

Observe sua mente, ela é espelho d'Ôce.

Estude o ser, é parte d'Ôce.

Aprende com a razão, ela guia d'Ôce,

Mas cuidado com a consciência, dizem que ela é Ôce.

Ôce que é muitos,

Muitos é Ôce.

É e não é.

Foi, agora acabou.

Será, pois basta ser.

Ôce é e pode ser, basta querer.

Aprender para vencer na vida

Não fiquei satisfeito sobre o porquê ensinar, nem vós, presumo eu. *Se* (volver à especulação outra vez) perguntarmos aos pais de nossos estudantes: porque o senhor ou a senhora matriculou seu filho ou sua filha na escola? Com um orgulho solar, eles dirão: “para que meu/minha filho/a seja alguém na vida”, “para seguir meus passos”, “para se tornar alguém de bem”, “de boa reputação”, “um trabalhador”, “um empreendedor”, “um intelectual, quem sabe?” etc. em suma, a maior porcentagem das respostas oferecidas à pergunta terá viés utilitarista. Claro que *o ensino é útil a algo*, principalmente nosso ensino ocidental. No filme *Schooling the world: the white man's last burden* (2010) da escritora e cineasta Carol Black, retrata-se a visão colonialista de nosso modelo educacional. Nele há uma passagem que nos informa que a “escola ocidental” não ensina valores humanos, espirituais, tradicionais e entre outros que orientavam relações entre famílias e grupos tradicionais. Os relacionamentos não são mais os de outrora, foram modificados na medida que novos valores e princípios passaram a orientar as relações sociais entre indivíduos. Após a escolarização, os indivíduos são mais propensos a agir em sociedade de acordo com os valores e princípios ensinados pela tradição ocidental. Por fim, o filme me suscitou a seguinte inquietação: por que os membros da tradição apresentada no filme mandaram seus filhos à escola? E, a partir dessa pergunta, por que essa sociedade precisa aprender o modo de vida, os valores, os comportamentos, a ética e a estética, entre outros elementos da sociedade ocidental e capitalista? Eu vos digo: *não foi para vencerem na vida*. Vencer na vida é viver de acordo com os valores ocidentais? Vencer na vida é seguir uma tradição branca e colonial? Vencer na vida é tornar-se igual aos demais? É ter segurança financeira? É não ter problemas? É viver no gozo de nosso bem-estar social? Eu vos afirmo: vencer na vida é viver a vida. É experimentá-la. É saber o gosto que ela tem. É ver na vida a potencialidade de querer-ser uma constante superação de si mesmo. Vencer é superar-se, portanto, é também transformar-se.

173

Ser-professor que transforma

Ser professor não pode ser reduzido ao ato de ensinar, nem de transmitir, muito menos de avaliar ou de prejudicar. Professor é, antes de tudo, aquele que constrói, mas que destrói. É ser o que não somos. É ser o oposto do que *esperam* de nós. É um ser indomável. É livre para ser. O ser-professor não existe, mas temos o especialista. Culto e letrado. O que fala em “vencer na vida” e, quiçá, vencer a vida.

Ensinar e Aprender são atos estéticos

Quando a criança aprende a misturar as cores primárias, o mundo torna-se sua tela.

Quando o jovem esquece como misturar as cores, o mundo torna-se cinza.

Quando o idoso entende as cores, o mundo torna-se opaco.

Quando não há cor, não há mundo, não há vida.

Há vida em vós? Há cor em vossa vida?

O ato de ensinar deve ser uma ação (re)criativa

Por certo, deve ser assustador à criança e ao jovem estar na escola para atender os desejos de pais, amigos, da sociedade e do Estado, do coletivo. O estar na escola, hoje, é uma obrigação, não vos enganeis. Estar na escola traz inúmeras responsabilidades que ninguém, creio eu, pediu. Impõem horários e normas. Um padrão de vestir-se (bem ilustrado na figura do “uniforme escolar”). Um modo de ser. Uma forma de portar-se. Em suma, a escola é uma instituição disciplinar e socializante, como bem nota o filósofo francês Michael Foucault em sua *Microfísica do Poder* (1978) e é expressado de forma tangível nas entrelinhas da canção *Another Brick in The Wall* do Pink Floyd. Estar na escola ou em qualquer ambiente que suceda alguma aprendizagem, deve ser o oposto do *esperado*. Deve ser um estar-inocente. Sem uma finalidade, a não ser as que surgirem de forma espontânea e/ou que forem determinadas pelo querer do próprio sujeito, daquele que ousa ser si mesmo.

Estar na escola deveria ser algo recreativo, ativo e criativo. O ambiente escolar, acredito, deve ser um espaço amoral e seguro que proporcione a livre circulação do pensamento. A escola moderna tornou-se algo completamente diferente da Ágora grega. Deixou de ser um espaço de livre circulação de ideias, debates, saberes, dúvidas e ensino e passou a ser uma instituição a serviço de nossos interesses civilizatórios, já que ela deve fornecer o que os pais e a sociedade esperam que seus filhos se tornem. O que o indivíduo se tornará já está escrito nos documentos (burocracia escolar) que norteiam os princípios educacionais da escola. A escola é apenas um meio para um fim; uma ferramenta não autônoma, pois sua *anima* é nossa ideologia.

De que interessaria à sociedade se preocupar em criar artistas, filósofos, sociólogos, antropólogos, historiadores ...? A educação e as escolas devem fornecer mão de obra barata e em grande escala. Por meio da escola, dá-se a efetivação do processo de vulgarização moderna. Cria-se uma *massa* de trabalhadores *úteis*. Não vos enganeis, nossa essência moderna se baseia em viés utilitarista. Ser algo não utilizável aos interesses do Estado e de quem quer que seja é crime. Tipificado em nossa consciência como atentado à ordem e à lei em vigor. Pena: *má* reputação e todos os infortúnios que a sociedade pode prover contra o subversivo e imoralista. Seja você mesmo, pense por si mesmo, ouse viver uma vida mais autêntica e verás o quão pouco livre vós era de verdade. Ora, ser civilizado, educado e instruído é ser livre? Quem ainda acredita em liberdade? Quem vive sem questionar: isso não é nenhum segredo.

Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução e Notas de Edson Bini. 2. ed. São Paulo: EDIPRO, 2007.

BONDIA, Jorge Larrosa. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abril de 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. “Estágio e Docência: diferentes concepções”. *Revista Poíesis*, vol. 3, nºs 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. “A nova LDB e a política de formação de professores: um passo à frente e dois atrás”. In: AGUIAR, Márcia Ângela S.; FERREIRA, Naura Carapeto (Orgs.). *Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos*. São Paulo: Cortez Editora, 2000, p. 177-192.

Submissão: 14. 05, 2021

Aceite: 20. 09. 2021